

De regresso à distopia normal



Na mesma altura em que o governo alemão estava reunido para deliberar sobre o pacote de estímulos para a

recuperação da economia, anunciado em junho, era inaugurada perto de Dortmund uma central elétrica a carvão novinha em folha (a pior opção em matéria de combustíveis fósseis). Não poderia existir melhor exemplo para moderar o entusiasmo que se possa ter com a cuidadosa imagem de campeão ecológico que a Alemanha tem vindo a construir no mundo desde há décadas. Em relação a outros países perto da sua dimensão, Berlim tem dados passos positivos, sem dúvida. Mas o ritmo da mudança, na Europa e no resto do mundo, é demasiado lento, comparativamente com aquilo que seria necessário fazer para evitar os golpes duríssimos que, nos próximos anos e décadas, colocarão à prova a solidez dos Estados e em grave risco a segurança e vida dos cidadãos.

A Alemanha continua a depender do carvão para produzir 50% da sua electricidade. Os governos de todo o mundo gerem os compromissos de vários sectores da economia. São sensíveis aos grandes e poderosos interesses. Dependem dos eleitores que os escolheram e vão escolher. Numa altura de emergência como é o caso desta crise pandémica, e num deserto mundial de excelência política (com exceção, talvez, da Nova Zelândia), para os políticos normais (já não falo dos fora de métrica, como Trump e Bolsonaro...) entre

escolher uma longa e esforçada política que impeça o futuro de desaguar nos portões do inferno, e satisfazer de imediato as clientelas do presente, a opção vai para o que é mais fácil e de recompensa pronta.

As notícias que vão chegando do regresso à “normalidade” não nos iludem. Os países despejam décadas de futura dívida pública para apoiar os sectores que nos estão a conduzir para o beco sem saída da emergência climática e do colapso ambiental. O próprio BCE, desde Março já aceitou como contrapartida colateral, ativos de empresas de combustíveis fósseis no valor de 7 mil milhões de euros. Lisboa parece querer injetar mais de mil milhões na TAP, sem sequer interferir na gestão da empresa. A Lufthansa recebeu um cheque federal de 9 mil milhões, num quadro alemão de apoio às empresas que já é igual a 50% de todas as ajudas de Estado aprovadas nos 27 países da UE pela Comissão Europeia.

Aparentemente, o único gesto de coragem política do governo de Angela Merkel ocorreu no confronto com a menina dos olhos da economia alemã: a indústria automóvel. A chanceler recusou estender o aumento do subsídio à compra de viaturas elétricas (de 3 para 6 mil euros) – uma medida que visa aumentar uma mobilidade menos nociva do clima e da saúde pública – às viaturas movidas a diesel e gasolina. Importa ter presente que a indústria automóvel na Alemanha representa 40 mil empresas e 1,3 milhões de empregos. Apesar da aposta elétrica, 90% dos veículos produzidos ainda dependem de combustíveis fósseis. Os Estados federados da Baviera (onde a BMW e a Audi têm a sua sede) e da Baixa Saxónia (sede da VW), dirigidos pela

Décadas de futura dívida pública para apoiar os sectores que nos estão a conduzir para o beco sem saída da emergência climática e do colapso ambiental

CSU e pelo SPD, defendem fortemente a posição da indústria. Não foi muito, mas vai na direção certa.

Na edição do passado 11 de fevereiro, antes da eclosão da pandemia, escrevi nesta crónica, a propósito do Pacto Ecológico Europeu, que era na altura a grande bandeira da CE de Ursula von der Leyen: “Sem a existência de um forte sobressalto de cidadania europeia, resiliente e transgeracional, pressinto que o Pacto Ecológico Europeu, ao próximo solavanco do sistema financeiro internacional e europeu, não demorará muito a cair do topo da agenda política. Mais uma vez, gostaria de não ter razão.” Infelizmente, a pandemia é muito mais do que um “solavanco”.

A dispendiosa reconstrução da normalidade, não parece ir além do regresso à distopia de uma modernidade que continua a ignorar os limites da Terra, e persegue um crescimento autofágico, como se não houvesse amanhã. Recordo uma fotografia tirada no passado dia 1, junto a Porta de Brandeburgo, em Berlim. Uma jovem estudante liceal, Luisa Neubauer,



Data: 17.06.2020

Titulo: De regresso à distopia normal

Pub:

JL

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Nacional

Pág: 26

QuickCom
comunicação integrada

integrada num dos muitos movimentos inspirados por Greta Thunberg, erguia um cartão onde se podia ler: "O que é que ainda não perceberam acerca da crise

climática?". Apetece juntar uma outra questão: o que é que ainda não percebemos sobre os motivos que nos levam a não querer perceber? JL.



Angela Merkel "O único gesto de coragem política no ambiente: o confronto com a indústria automóvel"

Área: 481cm² / 57%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6671983